

16/08/2019

Um relojoeiro fora do tempo: o adoecimento da aceleração

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]



Foto: Ricardo Gonçalves

Geógrafos como Ruy Moreira, Douglas Santos, Milton Santos, entre outros, ao se ocuparem da crítica aos fundamentos das ciências sociais na modernidade e sugerirem uma leitura dialética do mundo, assentam o pensamento neste princípio: o espaço é inseparável do tempo; o tempo toma corpo no espaço.

Portanto, falar de espaço ou território é falar do tempo social.

No mês de julho passado, de férias em Minas Gerais, estive na cidade de Patrocínio/MG para visitar o tio Joaquim.

O tio, há 37 anos, dedica-se ao trabalho meticuloso de relojoeiro. No decorrer de uma tarde conversamos em sua oficina.

Na mesa, nas vitrines e nas paredes, dezenas de relógios lembram que cada tique-taque assinala a hora de acordar, dormir, comer, sair ou chegar de viagem, iniciar ou encerrar o expediente de trabalho – ilustram o cotidiano regulado e todas as atividades humanas ajustadas pelo tempo do relógio.

Diante de tantos relógios com seus ponteiros movendo de maneira inextricável, lembrei do personagem Coelho Branco, do livro *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898), que se sentia apavorado quando observava esse objeto, símbolo da sociedade industrial do século XIX.

O tique-taque dos relógios não parava e, a cada segundo, minutos e horas, eu e o tio construíamos belas recordações familiares, do mundo rural vivido por ele, meu avô e outros tios no interior de Minas Gerais dos anos 1970; falávamos do trabalho no mundo rural mineiro, as mudanças para a cidade e a ocupação a que se dedica há tantos anos: relojoeiro.

Por conseguinte, são do tio Joaquim as seguintes palavras:

“Desde menino tive admiração pela profissão de relojoeiro; ver um relógio funcionando me inquietava; queria conhecer os princípios de funcionamento deles e cheguei a desmontar alguns; quando adulto, mudei do campo para a cidade e comecei a trabalhar com meu tio que era profissional de relógios; peguei experiência, fui aperfeiçoando e fiz um curso técnico completo. Hoje o trabalho de relojoeiro modificou em muitos aspectos. Quando comecei a trabalhar tinham relógios de dar corda manual, o relógio mecânico de pulso, bolso ou parede; depois começaram a aparecer os relógios digitais, que trabalham com pilhas, tudo eletrônico. Sei trabalhar com todos os modelos, mas, a profissão e o jeito de trabalhar continuam transformando – muitos relojoeiros

conhecem apenas os relógios eletrônicos; os relojoeiros que desmontam, descobrem o defeito, procuram recuperar peças ou trabalhar nos relógios mais antigos estão cada vez mais raros.

Além de gostar da profissão de relojoeiro, fiz muitos amigos no decorrer dos anos; amigos que chegam aqui na oficina e passam uma manhã conversando, contando histórias, compartilhando alegrias e tristezas. Essa profissão enche meus olhos, a cabeça e os sentimentos. Trabalho com relógios no decurso de 37 anos ininterruptos, e esses anos estão cronometrados na minha história, nas amizades que fiz, nas marcas da idade nas mãos, na barba e cabelos grisalhos. Meu ofício tem relação íntima com o tempo e procuro brincar com ele, o tempo, gerar traquinagens com as horinhas miúdas da vida para que elas permitam que eu continue trabalhando com alegria.”

Os geógrafos citados e, antes deles, importantes filósofos da modernidade, disseram que o emblema da sociedade moderna e do capitalismo é o relógio. É ele o elo implacável entre o tempo e a sociedade industrial. É quando o tempo do trabalho gera o *quantum* da produção de mercadorias. E na esfera da produção de mercadorias obtém-se a *mais-valia*. Isso quer dizer: é o roubo do tempo do trabalho facultado pelo salário. Mas, o roubo do tempo é o roubo da vida inteira.

Assim assevera o ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica: *“quando compramos algo, não pagamos com dinheiro, pagamos com o tempo de vida que tivemos que gastar para ter aquele dinheiro. Mas, tem um detalhe: tudo se compra, menos a vida”*.

No interior dos carros guiados por motoristas da *Uber* em Nova York, Estados Unidos, nas fábricas de tecido de São Paulo e Goiânia, Brasil, ou nas fábricas de tênis *Nike* em Hanói, Vietnã, o tempo da *mais valia* é universal: os trabalhadores entregam seu tempo de vida ao tempo do lucro do capital nos diversos rincões do mundo. Um mundo da aceleração do cotidiano; da patologização da existência; das doenças neuronais na “sociedade do cansaço”, conforme o filósofo Byunh-Chul Han (2015).

Desse modo, a contradição central deste período é a aceleração do tempo e o adoecimento do trabalhador no espaço-tempo acelerado; o trabalhador que sofre de ansiedade, ingere drogas para dormir e ao acordar, compete consigo mesmo, luta para vencer o invencível: o tempo físico; entrega o corpo à correria sem sentido; vê-se atravessado pela hiper mobilidade de veículos, coisas, notícias, símbolos e imagens. Sujeitos esgotados e assombrados com o tique-taque do relógio; o tempo que se ganha, o tempo que se perde; o tempo do lucro e do dinheiro.

Enquanto isso, em Patrocínio/MG, na oficina construída no quintal da casa, meu tio cuida da máquina do tempo, o relógio. Acorda, toma café, almoça, trabalha reparando relógios antigos, conversa com amigos, conta histórias, janta, ouve músicas, dorme, sonha... O ritmo de cada gesto ainda toca o tempo lento.

Seu trabalho é arte carpinteira da existência.

Assim os dias se repetem e os ponteiros dos relógios, artífices do tempo, marcam a economia geral da vida no interior de Minas Gerais. Será ele um relojoeiro fora do tempo?

Ouçamos o tique-taque do relógio! ■■■

Citações

- Carrol, Lewis. *As aventuras de Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- Han, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.
- Moreira, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?* São Paulo: Contexto, 2006
- Santos, Douglas. *A reinvenção do espaço*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- Santos, Milton. *Por Uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1988.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.